
A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA NA OBRA TARDIA DE THEODOR ADORNO: COGNIÇÃO E HISTÓRIA NA *DIALÉTICA NEGATIVA*.

Vitor Somnavilla de Souza Barros

Resumo

Adorno defende uma espécie de impedimento conceitual, isto é, uma incapacidade por parte dos conceitos de darem voz ao não idêntico. Esse impedimento, por sua vez, envolve diversos elementos e me esforçarei por classificá-los como: por um lado, os aspectos próprios à conceituação que fazem com que o não idêntico sempre comporte uma dimensão não conceituável; por outro, o que Adorno chama de ontologia do estado falso, isto é, a situação histórica em que se encontra a cultura contemporânea a ele, que seria marcada por uma presença generalizada dos resultados sistêmicos, os quais passariam a aparecer como verdades inquestionadas e inquestionáveis. Por fim, tentarei mostrar como que a articulação entre esses dois aspectos no encontro conceitual com o objeto deriva de uma particular concepção a respeito do posto da experiência filosófica em geral e na época em que Adorno redige sua obra *Dialética Negativa*, em particular.

Palavras-chave

Adorno; dialética; experiência filosófica; impedimento conceitual.

Abstract

Adorno contends that some sort of conceptual limitation exists, which renders concepts incapable of expressing the non-identical. This limitation is manifold, and my aim is to classify its elements in two groups. On the one side are aspects belonging to conceptualization itself that make the non-identical always escape complete conceptualization. On the other is what Adorno calls ontology of the false state, that is, a feature of contemporary culture in which systemic outcomes are universally pervasive and, hence, have the appearance of unquestionable truths. Finally, I will argue that the articulation between these two elements in the actual conceptualization of an object stems from a particular contention on the role of philosophical experience in general, and at the time Adorno writes his *Negative Dialectics*, in particular.

Key-words:

Adorno; dialectics; philosophical experience; conceptual limitation.

“... an unselfish belief in the idea...”
Joseph Conrad,
Heart of Darkness

Apresentação

Theodor Adorno, em sua *Dialética Negativa*, obra máxima de seu pensamento crítico tardio, pretende solucionar, entre outras coisas, um problema bastante característico da filosofia do século XX¹. Sua intenção é dar conta filosoficamente da experiência da diferença, daquilo que escapa à previsibilidade e que não está contido, de antemão, no conceito usado para identificar o objeto. Reagir a essa dificuldade constitui lugar comum na filosofia ocidental, pelo menos desde Nietzsche. Variaram, entretanto, as estratégias e as conquistas filosóficas ou mesmo *conceituais* que se puderam atingir em decorrência dessas estratégias. Em Nietzsche, a questão assume uma feição particularmente crítica e reveladora das verdades constituídas como meras perspectivas reificadas, de modo que o espaço para a diferença, na forma da promoção da vida, abre-se no processo mesmo de desmontagem da conceptualização universalizante. Heidegger, em parte um nietzscheano, em parte um metafísico, não desejou abdicar do questionamento filosófico geral, para ele consubstanciado na pergunta pelo ser, e com isso se viu forçado a verdadeiros malabarismos conceituais, com os termos e textos da tradição. Seja na forma de uma conquista de si, da própria existência como constituidora de sentido (e, portanto, da própria fonte de sentidos, apoderando-se idealmente da capacidade de manifestar a *própria* diferença), típica de seu primeiro pensamento, seja na forma de uma evidenciação do modo como a história *acontece*, ou seja, de como o ser, que sempre se retrai, fornece os distintos fundamentos para as épocas da história, tarefa de sua obra posterior; Heidegger sempre enfrentou o trágico desafio de pensar o impensável. Na esteira de ambos os autores mencionados, vale mencionar o esforço derridiano, este sim se posicionando tragicamente, por um lado, na impossibilidade de sair da metafísica (pois a tentativa de sair, o esforço por transcendê-la, é a própria metafísica, talvez no que ela tem de pior) e, por outro, no esforço de *proceder* ao arripio dela. A conquista de Derrida é mínima, ele não logra *pensar*, com *conceitos*, a diferença que sempre escapa. Derrida parasita textos da tradição metafísica, evidenciando seu *traço* metafísico, a fim de produzir um efeito negativo e, acima de tudo, *performático*.

¹ Gostaria de agradecer aos valiosos comentários do parecer, que contribuíram para a melhoria significativa deste artigo. Claro, equívocos permanecem sob minha responsabilidade.

Por fim, Lévinas, pensador tão próximo de Heidegger e Derrida, mas também tão distante (crítico mordaz da metafísica do primeiro, e no fim das contas um humanista, à diferença do segundo), também trouxe para o centro de suas preocupações o respeito pela diferença, manifesta na alteridade insondável do outro. Seu caminho, não obstante, foi abdicar do momento reflexivo, em nome da promoção da relação ética ao primeiro posto da consideração filosófica, destronando a ontologia e a epistemologia (por demais marcadas, segundo ele, pela estrutura de *compreensão* própria aos seres humanos, a qual identifica e anula a alteridade do outro).

Outros importantes pensadores do século XX se engajaram na discussão desse problema, Foucault e Deleuze, para citar alguns. Acredito que Adorno, em sua *Dialética Negativa*, oferece uma resposta original a ele, formulada *conceitualmente* e conforme as possibilidades conceituais e histórico-culturais da época de produção de seu texto. O caminho adorniano não será o da renúncia ao procedimento conceitual, também não será o de expor o que está na *fonte* da própria conceptualização, e igualmente não (em parte sim, mas não em primeiro lugar) o de uma conquista performática à custa da crítica ao metafísico. Seu esforço é de exprimir por meio de conceitos justamente isto que escapa à universalização conceitual metafísica. Adorno é bastante explícito quanto a isso, e não haveria espaço para ulterior discussão. Eis a formulação de sua conhecida utopia: “A utopia do conhecimento seria abrir o não conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos” (ADORNO: 2009, p. 17). Ou ainda, em uma passagem talvez mais eloquente já de seu Prefácio, em que o *esforço* (uma das formas do performático incidir sobre a tarefa sumamente conceitual, pode-se dizer) mencionado acima aparece: “Com meios logicamente consistentes, ela se esforça por colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito supraordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade” (ADORNO: 2009, p. 8). “Com meios logicamente consistentes”, ou seja, a tentativa é eminentemente epistêmica, pois a própria filosofia, na boa filosofia alemã da qual Adorno descende, faz-se por conceitos. Não obstante, trata-se de um esforço, isto é, comporta um elemento performático e, eu poderia dizer adiantando algo do texto a seguir, repetitivo; elemento que atua precisamente *sobre* o momento conceitual da tarefa, alterando-a e qualificando-a para a abordagem do não conceitual. Em última instância, esse esforço é um dos nomes para o remédio contra o encanto totalitário da unidade supraordenada do conceito.

A despeito de ser o mote do livro de Adorno, essa ideia da abertura respeitosa da diferença não conceitual através do conceito não é evidente quanto a seu sentido, quanto

a sua forma de execução, nem quanto às razões que exigem que ela seja realizada tal como Adorno a concebe. Os dois primeiros passos serão discutidos na próxima seção do texto, enquanto que o terceiro tópico fica para a última seção. De fato, o centro de meu comentário neste texto gira em torno deste terceiro tópico. Adorno defende uma espécie de impedimento conceitual, isto é, uma incapacidade por parte dos conceitos de darem voz ao não idêntico. Ou dito mais precisamente, uma incapacidade de dar voz àquilo que é não idêntico (ao conceito) naquilo que ele conceitua, identifica. Esse impedimento, por sua vez, envolve diversos elementos e me esforçarei, na sequência, por classificá-los como: por um lado, os aspectos próprios à conceituação que fazem com que o não idêntico sempre comporte uma dimensão não conceituável; por outro, o que Adorno chama de ontologia do estado falso, isto é, a situação histórica em que se encontra a cultura contemporânea a ele, que seria marcada por uma presença generalizada dos resultados sistêmicos, os quais passariam a aparecer como verdades inquestionadas e inquestionáveis. Em último lugar, tentarei mostrar como que a articulação entre esses dois momentos no encontro conceitual com o objeto deriva de uma particular concepção a respeito do posto da experiência filosófica em geral e na época em que Adorno redige sua obra *Dialética Negativa*, em particular.

Crítica, Método e Forma

Adorno é um pensador dialético; ora, Hegel também o é. Adorno é um pensador crítico; muitos foram críticos antes dele, igualmente. A dialética precisa ganhar uma roupagem nova em seu pensamento, de forma que a crítica resultante também se mostre inovadora e ofereça uma alternativa viável.

O que significa exatamente que um conceito identifique, que ele introduza, em uma unidade de sentido que o conceituador previamente traz consigo, um objeto talvez amorfo e caótico, algo que, a rigor, nem mesmo objeto ainda era, pois não se punha sob a lógica da relação entre um sujeito cognoscente e um objeto conhecido ou a ser conhecido? O importante aqui é que se trata de uma *relação*, somente a partir da qual os elementos envolvidos se constituem. Não há sujeito sem objeto, não há objeto sem sujeito. O nome para essa relação é *experiência*² (retornaremos a isto adiante no texto). Entretanto, convém conscientizar-se para o fato de que também não há conceitos sem

² Estas considerações, assim como as subsequentes, acerca do conceito de experiência são bastante devidoras de O'Connor (2005).

essa relação, porque os conceitos são precisamente o produto da experiência, concebidos por um sujeito que se forma na oposição com (e no toque de) um objeto, igualmente apenas então formado. Chamar a atenção para isso não é simplesmente recusar uma platônica antecedência das ideias às atividades cognitivas do ser humano, significa também, e isto é o importante, evidenciar o *lastro material* dos conceitos, enraizá-los em seu solo de nascença. Na dobra presente na experiência, isto é na *atividade de conceituação*, talvez o mais importante na epistemologia adorniana se manifesta: a dobra entre a conceituação (dimensão epistêmica), que é uma inexorável subsunção do conceituado ao conceito, e a atividade que realiza essa subsunção (dimensão performática); atividade que é a própria constituição do referido lastro material, mas que é também simultaneamente a marca do objeto no sujeito, a ferida que aquele deixa neste, contribuindo para sua formação. Com efeito, lastro e ferida são dois nomes para o processo cuja denominação geral é experiência, sendo um a referência da experiência ao objeto e o outro sua remissão ao sujeito. Em todo caso, experimentar, nesse sentido epistêmico, é formar conceitos num choque mutuamente constituidor de sujeito e objeto.

Uma consequência interessante disso é que, sendo este o processo, os conceitos têm necessariamente uma história. E não somente uma história no sentido de um nascimento específico. Pois não se trata de conceitos *descobertos*, que a partir de então desvelam a verdade universalmente e a-historicamente sobre uma região de seres. Pelo contrário, conceitos têm um nascimento e uma validade circunscrita, ou mesmo um sentido apenas preservado *caso se atente para as condições subjetivas e objetivas de sua emergência*.

Por outro lado, conceituar é inevitavelmente realizar sínteses, isto é, identificar o objeto conceituado em uma unidade abstrata, enquadrá-lo em uma classe. Na *atividade de conceituação*, o sujeito cognoscente vai ao objeto, experimenta-o, por assim dizer, e, *em seguida*, retorna a si, a seu acervo de conceitos, a sua estrutura de organização prévia do mundo, encaixando o então conceituado nessa unidade prefixada e segura: o objeto encontra aí seu posto seguro em uma classe. Esta é precisamente a trajetória da síntese: de um contato que reconhece algo de positivo no objeto, passando por sua diferenciação face aos demais objetos presentes e pensados como possíveis, até a remissão do objeto conceituado à unidade sintética. Que o pensamento se faça dessa maneira é um fato incontornável, para Adorno. Como ele afirma, “pensar significa identificar” (ADORNO: 2009, pp. 12-3). Sínteses são inevitáveis. O problema não está nelas, mas sim na

reflexão filosófica que coloca sobre elas sua ênfase. Explico isto a seguir, mesclando com a crítica de Adorno a Hegel.

A dialética hegeliana ofereceu diversos elementos para o pensamento de Adorno, mas prometeu algo que não pôde cumprir. Ela prometeu fornecer um espaço onde as diversas experiências da consciência seriam integralmente incorporadas em seu percurso. Entretanto, sua lógica mostrou-se por demais autoritária e os vários momentos e figuras da consciência foram sempre redescritos e submetidos à unidade absoluta do espírito. O que eram passos arduamente conquistados por uma consciência no penoso trabalho com seus objetos particulares evidenciou estar regido teleologicamente pela lógica do para nós, pela unidade máxima de sentido, que a tudo e a todos engloba. O que havia sido a nova intuição que o momento da negação concedera à dialética de Hegel perdeu-se quando se deu conta do fato de que todo o processo esteve desde sempre viciado pelo momento da síntese, de que posição e negação somente se constituíram não porque um sujeito cognoscente experimentou um objeto particular, mas porque eram passos inevitáveis para o alcance da síntese desde o princípio almejada. O equívoco de Hegel foi precisamente ter enfatizado o momento da síntese em sua dialética.³

Adorno, a seu turno, pretende destacar o momento da negação, da negação determinada, não da negação abstrata, conforme a terminologia hegeliana. Se retornamos agora, portanto, ao processo acima descrito de um encontro inicial com um objeto, seguido por uma retração do sujeito que subsume o conceituado, poderemos ver que a intenção de Adorno é justamente a de permanecer o máximo possível no primeiro momento. O pensamento, como já se disse, se faz necessariamente por meio de conceitos e, se atentamos para o que Adorno está dizendo, veremos que frases como ‘o conceito não chega às coisas tal como elas são’ na verdade estão equivocadas. De fato, conceitos podem sim ‘dar voz’ às coisas, ou dito de outro modo, não é que o conceito é incapaz de abordar alguma dimensão obscura das coisas. Pelo contrário, conceitos atingem a totalidade dos objetos, mas o fazem de forma conceitual. Isto é, objetos conceituados são as coisas tal como elas se mostram, em sua inteireza, para um sujeito que reflete sobre eles. Entretanto, nesse caso não haveria problema. Com efeito,

³ Naturalmente, a crítica de Adorno a Hegel não precisa ser aceita. No Brasil e recentemente, Vladimir Safatle propôs uma interpretação do pensamento hegeliano que estaria imune a essas críticas de Adorno. Remeto o leitor ao seguinte artigo de Safatle para a continuação dessa discussão, que foge ao escopo deste artigo: SAFATLE, Vladimir. O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo. *Kriterion*, 2008, vol.49, n.117, pp. 95-125.

somente há problema porque imediatamente após a confecção do conceito na experiência epistêmica, o sujeito se retrai na unidade abstrata e totalitária de seus conceitos prévios, esquecendo-se de atentar para o único momento em que ele e o objeto se tocaram e, vale dizer, mutuamente se formaram. Esse argumento que venho avançando foi muito bem resumido na seguinte passagem de Bernstein:

Não há nada de errado com a abstração; ela é um aspecto necessário de qualquer prática conceitual. Entretanto, quando os resultados da abstração são *sistematicamente* destacados daquilo de que foram abstraídos e são com isso, o que dá no mesmo, reificados como independentes, então as formas do conhecer e do raciocinar resultantes são elas mesmas um domínio do objeto, abordando o objeto como nada mais do que aquilo que a razão *determina* que ele seja, portanto *meramente* como ocorrência, caso, exemplo ou espécime daquilo que já é conhecido. (BERNSTEIN: 2006, p. 27, tradução minha)

Essa necessidade de recordar da origem das abstrações, de atentar para a fonte material dos conceitos, realiza-se, na filosofia de Adorno, exatamente por meio daquilo que acima chamei de instâncias de interferência do performático na dinâmica da conceituação. Mencionei até agora apenas o esforço. Comento em seguida um pouco mais sobre isso.

Esse esforço de que fala Adorno é um esforço para perseverar na *atividade* de conceituação, ele implica assim a reiteração do movimento cognitivo, como via de escape à reificação do resultado sintético na unidade abstrata. Como bem colocou Silva, “o cerne da dialética [adorniana] – sua *verdade* – [está] não na supressão [Aufhebung], mas na *resistência* à identidade” (SILVA: 2007, p. 59). Nesse sentido, trata-se de uma tarefa infinita de eterno retorno ao material que, em parte, enraíza constantemente os conceitos disponíveis contendo seu delírio transcendente e, em parte e, sobretudo, produz a cada vez uma nova *experiência* do objeto e, portanto, transforma ininterruptamente todos os membros da relação: sujeito, objeto e conceito. A essa concepção no nível da prática filosófica, corresponde um desenho específico do método de redação e consecução do texto filosófico.

O exemplo genérico dessa preocupação formal na filosofia de Adorno é dado pelo ensaio. No contexto da *Dialética Negativa*, contudo, são as constelações e modelos que ganham destaque. Eu falava sobre a importância de atentar para o momento de produção dos conceitos em sua vinculação material. Constelações são justamente constelações de conceitos. Elas são tentativas, por parte de Adorno, de produzir conhecimento e sentido circunstanciados a respeito de um determinado assunto. Elas são uma disposição momentânea e artificial (produto do sujeito cognoscente e não parte

das coisas mesmas) de um determinado conjunto de conceitos. O que as constelações produzem é uma particular visada dos conceitos envolvidos, em uma particular relação mútua, cujo resultado é exatamente uma visada, um conhecimento restrito e circunscrito a seu contexto, mas que, e isso é importante, sabe-se restrito. O que um conceito deve fazer com um objeto no momento de sua concepção é o que uma constelação faz com um conjunto de conceitos: enraíza-os. Para ser mais preciso, uma constelação não é posterior ao acabamento de um conceito, mas simultânea a sua produção e à persistência em sua fonte, pois é precisamente o procedimento constelar que permite à conceituação não se perder nas ilusões abstratas. Uma constelação, por se saber finita, tem de ser refeita imediatamente.

O outro elemento formal importante nesse contexto são os modelos de pensamento. Os modelos são o próprio modo de expressão da filosofia, como Adorno a entende. Toda a *Dialética Negativa* tem de ser vista como um modelo de pensamento, ou melhor, um conjunto de modelos. Eles representam, no nível da apresentação do texto, isto é, no plano retórico, a luta contra a identidade no sistema abstrato. Eles são, ainda, a maneira como a filosofia se apropria da *mimesis*, instância em que a afinidade da filosofia com a arte se faz presente. Nas palavras de Adorno: “O conceito não consegue defender de outro modo a causa daquilo que reprime, a da *mimesis*, senão na medida em que se apropria de algo dessa *mimesis* em seu próprio modo de comportamento, sem se perder nela” (ADORNO: 2009, p. 21). Mas trata-se de uma *afinidade*, de uma apropriação comportamental (motivo performático), jamais de uma dissolução da filosofia na arte. A filosofia busca meios *logicamente consistentes* temperados, por assim dizer, pelo procedimento artístico, nunca equiparados a ele. Adorno arremata quanto a isto:

O pensamento não protege completamente nenhuma fonte, cujo frescor ele tivesse liberado do pensamento; não está disponível nenhum tipo de conhecimento que seja absolutamente diverso daquele que dispõe [...] A filosofia que quisesse imitar a arte, que quisesse ser por si mesma obra de arte, arriscaria a si mesma (ADORNO:2009, p. 21).

Não obstante, a filosofia, como ele dirá logo em seguida, permanece animada por uma nostalgia própria da arte como não conceitual e o conceito, que se erige como um muro entre o pensamento e as coisas pensadas, nega essa nostalgia. Prosseguindo a paráfrase, cabe à filosofia atuar no limite desse impedimento conceitual, vendo-se ao mesmo tempo atada a ele e tendo que por meio dos próprios conceitos esforçar-se por ultrapassar a limitação dos mesmos (ADORNO: 2009, p. 22). O caminho, como

esboçado acima, passa pela contínua renúncia de recair na identidade, pelo apego ferrenho ao momento da negação e ao traço material da experiência cognitiva.

Filosofia e História

Nas páginas anteriores, tentei apresentar os principais elementos da epistemologia e da ontologia da *Dialética Negativa* tendo em vista particularmente a busca pela compreensão do não idêntico. Dessa maneira, discuti alguns dos aspectos que compõem sua ‘utopia do conhecimento’. Nesse contexto, a ideia de um impedimento conceitual ganhou destaque, ao revelar aquilo que, na medida em que é próprio à atividade conceitual, epistemicamente dificulta a consecução dessa utopia. Argumentou-se que, no interior mesmo dessa dinâmica conceitual, Adorno acredita ser possível abrir espaço para a diferença, no termo mais comum da filosofia contemporânea. Esses aspectos apresentados e que impedem a utopia são, por sua vez, intrínsecos à conceituação, fazem invariavelmente parte da atividade cognitiva, caso não se adotem mecanismos para evitá-los, tais como os debatidos ao final da seção anterior do texto. Entretanto, há outros fatores concorrendo para que a tarefa conceitual seja ainda mais árdua na época de Adorno, fatores desta vez contingentes, contextuais. Trata-se agora de debatê-los.

Os fatores contingentes que dificultam a tarefa conceitual de dar voz ao não idêntico podem ser sintetizados na expressão adorniana ‘o estado falso’. Essa expressão designa uma condição sistêmica, resultante do lento processo de modernização ocidental, o qual teria culminado, sob a denominação mais corrente de capitalismo tardio, nesse estado de fatos chamado estado falso. Como já se viu, a dinâmica conceitual tende para a síntese e o conceito sintético tende para a abstração. O passo seguinte é: o conceito abstraído tende para a unidade sistêmica. Ele encontra seu lugar na unidade de classes supraordenadas definidas *a priori*. A falsidade das abstrações e dos sistemas de abstrações é evidente para quem acompanhou o argumento adorniano da necessidade de atenção ao lastro material, por exemplo. Abstrações e sistemas precisamente não fazem isso, seus resultados sendo, portanto, meras aparências de verdades (ou falsidades) e não a verdade efetiva das coisas. A particularidade histórica da época de Adorno é que esses resultados sistêmicos e abstrativos deixaram de parecer meras aparências. Sua imposição se generalizou a tal ponto que aparências e verdades

passaram a se confundir, que o que é aparência apresenta características de verdade, ou seja, como não necessitando de ser desmascarado, criticado.

Contudo, se o sistema opressor se impõe e se generaliza como inquestionável, é justamente a possibilidade de e o espaço para a remissão à origem dos conceitos que se dificulta. O sistema é a imposição do conceito velho ao objeto novo, a tal ponto que o objeto novo se esvai junto com a potência da vida, numa reiterada reificação do mesmo. Como diz Adorno, “satisfeita, a ordem conceitual coloca-se à frente daquilo que o pensamento quer conceber” (ADORNO: 2009, p. 13).

A tarefa presente da filosofia consiste precisamente em resistir à ilusão sistêmica, resistência que se faz imanentemente, por assim dizer, corroendo a lógica do sistema para fazê-lo ruir a partir de dentro, e não através do recurso a supostas soluções externas. Nas palavras mais uma vez de Adorno,

À consciência do caráter de aparência inerente à totalidade conceitual não resta outra coisa senão romper de maneira imanente, isto é, segundo o seu próprio critério, a ilusão de uma identidade total. Todavia, como aquela totalidade se constrói de acordo com a lógica, cujo núcleo é formado pelo princípio de terceiro excluído, tudo o que não se encaixa nesse princípio, tudo o que é qualitativamente diverso, recebe a marca da contradição. (ADORNO: 2009, p. 13)

A dialética, como ele dirá também algumas linhas abaixo, apresenta como contraditório justamente o momento em que a consciência passa a submeter o não idêntico, o destoante, o negativo à unidade totalizadora de sentido que lhe é familiar. Como corretamente afirma Bernstein, “a dialética negativa [...] nada mais é que a versão reflexiva da experiência da contradição; ela é esta experiência elevada ao nível do conceito.” (BERNSTEIN: 2006, p. 37). Por sua vez, a forma endogenamente corrosiva de que dispõe a contradição pode ser percebida na seguinte passagem da *Dialética Negativa*, em que Adorno se refere à insuperável diferença entre o conceito e o objeto a ele submetido, sob o modelo da dominação sistêmica:

Essa diferença, porém, assume a forma lógica da contradição porque tudo aquilo que não se submete ao princípio de dominação, segundo a medida desse princípio, não aparece como algo diverso que lhe é indiferente, mas como violação da lógica. (ADORNO: 2009, p. 49).

Aquilo que não se mostra conforme a ordem preestabelecida da dominação sistêmica não pode aparecer como indiferente justamente porque é diverso, estranho à lógica opressora e, na medida mesma em que esta lógica pretende ser uma lógica total e totalmente englobante, ela precisa abarcar, por mais que o faça violentamente, todos os particulares, que passam a ser concebidos exatamente como particulares de uma lei

geral, como ocorrências de uma classe etc. A contradição instaura uma fratura interna no sistema unitário.

Entretanto, não basta que essa fratura se instale para que o pensamento logre alcançar o não conceitual por meio de seus conceitos. A continuação da página por último citada é reveladora quanto a isto:

Por outro lado, o resto da divergência entre a concepção filosófica e sua execução também atesta algo da não identidade que não permite ao método nem absorver inteiramente os conteúdos nos quais apenas ele deve ser, nem espiritualizá-los. O primado do conteúdo expõe-se como insuficiência necessária do método. Aquilo que, enquanto tal, sob a figura da reflexão genérica, precisa ser dito para não se ver indefeso ante a filosofia dos filósofos só se legitima na execução, e, dessa forma, o método é uma vez mais negado. Do ponto de vista do conteúdo, seu excesso é abstrato, falso; [...] O ideal filosófico seria o de que a justificação daquilo que se deve fazer se tornasse supérfluo, na medida em que fosse feito. (ADORNO: 2009, p. 49)

Essa passagem contém diversos elementos, com os quais pretendo terminar meu comentário. O pensamento filosófico, mesmo aquele comprometido com a dialética negativa, por um lado, e sua execução, ou seja a realização daquilo que esse mesmo pensamento filosófico prescreve, por outro, jamais podem coincidir completamente. A filosofia, na medida em que é uma reflexão, bate sempre e inevitavelmente contra o teto de sua insuficiência. Insuficiência esta que não é mais aquela da abstração que se desprende do lastro material dos conceitos: esta também seria insuficiente, e até mais, caso quisesse falar sobre o não idêntico que lhe escapa, em sua não identidade: ela seria falsa, como diz Adorno na passagem citada. A insuficiência em questão agora é outra; é aquela que separa teoria e práxis, distinção que, por meio do motivo performático e da afinidade formal com a arte, Adorno tenta ao máximo *mitigar* na experiência conceitual da filosofia da *Dialética Negativa*. Quanto mais o esforço se extrema, quanto mais a resistência à identificação persevera, tanto mais a filosofia perde seu caráter reflexivo e teórico. Na execução *conforme* a dialética negativa, o conceitual não se esvai, visto que é próprio não da filosofia, mas do ser humano em geral, na medida em que se coloca como sujeito cognoscente (o que não é exclusividade da filosofia). A produção de conceitos se faz também involuntariamente, na vida cotidiana. E o que especificamente o trecho final da citação de Adorno sugere é que o ideal da filosofia é dissolver-se, a ponto que a justificação (justamente a teorização filosófica) se mostrasse supérflua ante a vivência cotidiana de acordo com ela.

Os leitores da *Dialética Negativa* sabem, não obstante, que a *realização* da filosofia é, para Adorno, inviável, em seu tempo. A razão para isso é exatamente o estado falso constituído. Como a primeira frase da Introdução revela, em clara polêmica

com a famosa tese de Marx contra Feuerbach, segundo a qual os filósofos já interpretaram demais o mundo, tratar-se-ia agora de transformá-lo, Adorno sustenta que “a filosofia [...] mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização” (ADORNO: 2009, p. 11). Ora, isto faz dessa época a época filosófica por excelência. Este é o caso, tanto porque ela não tem escapatória prática, quanto porque, retomando um passo anterior, o modo da resistência ao sistema é a contradição dialética.

Contudo, talvez não seja o caso de que a época filosófica por excelência é necessariamente a de Adorno. É possível que o mais correto seja dizer que a filosofia, tal como concebida por ele naquele momento, seja adequada às condições vigentes e que uma alteração nessas condições na direção do alcance da ‘utopia do conhecimento’ talvez de fato descartasse a necessidade da filosofia. Entretanto, a se pensar que o mais provável é que novas formas de obliteração da atividade conceitual livre sempre surgirão, como traço mesmo da reiterada reposição do mundo na variação cultural, acredito que o melhor diagnóstico seria dizer que uma nova forma de filosofia se fará necessária: o que, de resto, não me parece de todo distante dos princípios norteadores da Teoria Crítica.

BIBLIOGRAFIA:

- ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Tradução Marco Antonio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BERNSTEIN, J. M. **Negative Dialectics as Fate: Adorno and Hegel** in *Cambridge Companions Online*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 19-50.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Meneses, 5ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NOBRE, Marcos. **A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno: a ontologia do estado falso**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- O'CONNOR, Brian. **Adorno's Negative Dialectic: philosophy and the possibility of critical rationality**. London and Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2005.
- SAFATLE, Vladimir. **O amor é mais frio que a morte: negatividade, infinitude e indeterminação na teoria hegeliana do desejo**. *Kriterion*, vol.49, n.117, 2008 pp. 95-125.
- SHERMAN, David. **Sartre and Adorno: the dialectics of subjectivity**. Albany, New York: SUNY Press, 2007.
- SILVA, Eduardo Soares Neves. **Coerência em Suspensão: Adorno e os modelos de pensamento** in *Artefilosofia*, n. 7, 2009, pp. 55-72.
- TÜRCKE, Christoph. **Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa** in Antônio Zuin *et al.* (orgs.). *Ensaio Frankfurtianos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, pp. 41-59.